



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

CPI - VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS NEGROS E POBRES			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0955/15	DATA: 22/06/2015	
LOCAL: Jardim Iracema, São Paulo - SP	INÍCIO: 12h50min	TÉRMINO: 13h28min	PÁGINAS: 19

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

JANAÍLSA BELARMINO DOS SANTOS - Mulher de vítima da violência.  
CLÁUDIO SILVA - Coordenador de Políticas para Juventude, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo.  
JOSÉ LUCIVAL DA SILVA - Líder comunitário.  
GERALDA MIRANDA DE LIMA - Moradora da comunidade.  
JACIRA MARIA DE JESUS - Moradora da comunidade.  
SÉRGIO SENA - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.  
LUCIVÂNIA DA SILVA - Moradora da comunidade.  
MÍRIAM MOTA DA ROCHA - Moradora da comunidade.  
LECI BRANDÃO - Deputada Estadual por São Paulo.

SUMÁRIO

Debate sobre a violência em comunidade de São Paulo.

OBSERVAÇÕES

Reunião externa realizada na Associação de Moradores São José do Operário, Jardim Iracema, São Paulo - SP.  
A reunião não se iniciou formalmente.  
Há palavras ou expressões ininteligíveis.  
Há oradores não identificados em breves intervenções.



**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Eu queria primeiro agradecer ao Alemão, que é o líder deste espaço aqui, aberto para que nós pudéssemos ter esta conversa. Muito obrigado, Alemão. Eu sei também que as famílias vieram aqui pela confiança que têm em você.

Quero agradecer a presença da Deputada Leci Brandão. Está aqui presente entre nós o Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito, Deputado Reginaldo Lopes, a nossa Relatora, Deputada Rosângela Gomes, e o Delegado Edson Moreira, Deputado por Minas Gerais, também membro da Comissão.

Aqui estão a D. Geralda, a Jana, o Alemão... Não guardei o nome do senhor.

**O SR. AVELINO** - Avelino.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Sr. Avelino.

Sr. Avelino, esta é uma visita de uma Comissão de Deputados Federais, que têm feito um trabalho no Brasil inteiro, com o foco de estudar as causas, os motivos de um índice muito forte de violência, sobretudo a violência contra jovens pobres e negros na periferia. É o foco desse trabalho que está sendo feito. Ao final, o desejo desta Comissão é identificar as causas e propor medidas que possam enfrentar essa realidade e diminuir a violência no Brasil, que é uma coisa assustadora, e todos nós vivenciamos isso.

Esta CPI tem várias etapas. Há a etapa em que vamos estudar os números do Governo, as estatísticas, ouvir os pesquisadores, os especialistas, as forças de segurança pública. Vamos ter o contato aqui com o Governo de São Paulo. Essa parte é assim.

Há outra parte em que nós procuramos ouvir famílias de vítimas da violência, sobretudo alguns casos que são muito simbólicos. Estamos visitando aqui, no fim de semana, Alemão. Três ou quatro meses atrás, um caso estremeceu o Brasil inteiro, Deputada Leci. Não se pode imaginar que, em questão de horas, em quatro pontos muito próximos, haja 11 mortes. Foram 11 mortes — de menino de 14 anos, inclusive. Não é isso? Foi um caso estremeecedor.

Então, observamos esse acontecido, e nós queremos colher a impressão de vocês para ajudar nesse relato final que a nossa Deputada vai elaborar.

Aqui nós temos a Jana, que é viúva de uma das vítimas, de um jovem — por que não dizer? —, de um trabalhador de 32 anos. Ela é mãe de dois filhos.



**O SR. RODRIGO** - Eu gostaria de falar com (*ininteligível*).

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Fale com ela aí, Rodrigo.

E a D. Geralda queria relatar — ela soube que nós viríamos aqui — um caso mais recente que envolve o filho dela. Eu julguei, em que pese não tenha sido nesse acontecido, Sr. Presidente, 3 meses atrás, ser oportuno ouvirmos, porque é outra expressão, mas é o cotidiano.

Então, eu queria só contextualizar.

Vou passar a palavra para o nosso Presidente.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - Quero agradecer também a presença, aqui, da senhora, do senhor, dos meus conterrâneos de Minas.

Vou dizer da importância, porque é evidente que nós temos inúmeros casos no Brasil, lamentavelmente. Queremos conhecer esses casos. E, a partir da coragem, em que pese a dor, pois sempre é muito difícil falar sobre esses casos, isso sinaliza para nós, também, uma contextualização para propor algo novo para o Brasil, porque o País não pode conviver com a realidade que nós temos hoje.

Então, nessa perspectiva, nós queremos agradecer, e estamos aqui à disposição para ouvi-los. Também contamos com a nossa Relatora, Deputada Rosângela Gomes, que é mulher, negra, de um Estado que tem também alto índice de violência, que é o Rio de Janeiro. Tem essa tarefa junto conosco. E há o Orlando também, o Edson, todos Deputados muito sensíveis à causa.

Esperamos que, no final da CPI, possamos sinalizar algumas proposições práticas, do ponto de vista de política pública, para buscar mais igualdade e oportunidades, e também legislações mais atuantes, mais fortes, para diminuir a impunidade, que gera mais violência, não é? Quando não se resolve o problema, isso multiplica a violência no Brasil. Nós temos alto índice de impunidade no Brasil. Só 5% ou 8% dos casos são elucidados, resolvidos, não é? Então, nós queremos também modernizar a legislação para diminuir essa impunidade.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Quer falar?

**A SRA. DEPUTADA ROSANGELA GOMES** - Se as famílias puderem, cada uma poderia fazer um resumo rápido. Sabemos da dor das senhoras, mas isso para nós vai ser importante, para fazer essa legislação que o Presidente está propondo, essa etapa que o Deputado Orlando Silva colocou. Nós estamos aqui mais para



ouvi-las, para que possamos fazer realmente essas novas normas, porque isso vai diminuir o sofrimento e a dor do nosso povo. Por favor, façam um resumo rápido.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Alemão, Jana, podem falar o nome da vítima e o dia da morte.

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - O nome do meu marido é Sidney Vieira Nascimento. Ele faleceu dia 7 de março deste ano, de 2015. O que aconteceu eu não sei direito na verdade. Eu estava em casa, e chegaram lá e falaram para mim que ele tinha sido assassinado. Eu subi, lá em cima. Quando eu cheguei, ele estava lá no chão. *(A oradora se emociona.)* Não gosto de lembrar. É difícil pra mim. Ele estava lá, o local já estava cheio de polícia. A polícia chegou muito rápido. O que eu fiquei sabendo é que o cara chegou lá dentro e deu um tiro nele, no pescoço dele. Ele agonizou alguns minutos e morreu. E lá no chão sentou e ficou. Só isso. Não tenho nada mais para falar.

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Houve mais quantas vítimas?

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Nesse dia, duas: meu marido e mais um menino que morreu no meio da rua, no beco.

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Na mesma região?

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - É.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - No mesmo local.

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - No mesmo local. Só que meu marido morreu dentro do bar, e o rapaz morreu fora.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - E há uma vítima sobrevivente nesse caso.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - Alguém foi preso?

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Não, nada. Até agora nada, nada, nada, nada.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - Nesse caso, não é letalidade policial, não? Não há nenhuma pista.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Autoria desconhecida.

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - É. Isso é o que eles falam, né?



**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Desse caso delas a gente tem cópia dos boletins de ocorrência. Eu estive no dia das mortes aqui, acompanhando *in loco* a pedido do Prefeito. E o relato que a gente tem de alguns outros moradores aqui é que era um dia chuvoso, no turno da madrugada, por volta de 3 da manhã. Essa rua é muito movimentada noturnamente, há bares com música ao vivo e tal. E, numa outra viela mais larga, subiram duas pessoas, olharam o movimento da rua e voltaram. E voltaram com mais duas pessoas. Quando eles voltaram, eram quatro, atiraram ao léu em quem estava lá, quando foi atingido o marido dela, o Sidney Vieira. Foi atingido também o Sidney dos Santos, que é outro rapaz que deixou também dois filhos. Vocês têm dois filhos, não é? Você e o Sidney têm dois filhos. Mais um rapaz, o outro, Sidney dos Santos, também deixou duas crianças. A mãe do Sidney não tem qualquer condição de vir aqui. A D. Isabel, segundo o relato da filha, desistiu de viver.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Está transtornada.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Está transtornada. E um pizzaiolo foi também atingido e conseguiu sobreviver, mas não tem coragem de falar a esse respeito. Eu tenho os boletins de ocorrência. Tenho os boletins de ocorrência de todos os casos dessa chacina de São Luís, naquele material que a gente quer providenciar para a CPI. E vocês já tinham passado por um trauma recente, não é? O pai dele...

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Morreu na virada do ano.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Morreu na virada, não é? E...

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Meu pai morreu no Natal; o dele, na virada do ano. Depois de 2 meses, eles mataram ele.

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Foi assassinato também?

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Não, foi morte... infarto.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Morte natural. Quantos filhos vocês têm?

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Duas meninas.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Duas meninas. Qual a idade?

**A SRA. JANAILSA BELARMINO DOS SANTOS** - Dez e onze.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Dez e onze anos.



**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Eu perguntei ao Alemão, que é liderança aqui, se as famílias das vítimas continuam morando aqui. Não é, Alemão? As famílias continuam morando aqui. De modo que (*ininteligível*) fazê-los participar, falar, não é?

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - É. Com muitas eu fui conversar lá, pessoalmente. As que já sofreram, já passaram por isso falaram: "*Não tenho coragem, eu não sei onde isso vai chegar*". Eu falei: "*Olha, se a gente omitir isso, não vai resolver esse problema nunca*". A gente está abrindo um espaço lá para ver que... Um rapaz, o Claudinho, fez faculdade comigo, está conduzindo. Então, eu me apeguei muito... Conheço muitos pela televisão. Mas o que acontece aqui é que esse pessoal está sendo oprimido pela polícia mesmo. Eles passam, soltam piadinha, entendeu? Eles falam: "*Não tenho coragem de falar*". Mas, como a gente é liderança, tem que puxar alguma coisa para o filho da gente não sofrer. Nem filho, nem amigo, nem colega, entendeu? É difícil. Fui à casa desse pessoal conversar com eles. Eles não têm nem coragem.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Por esse local onde os dois filhos deles morreram estamos convidando a CPI para passar, para fazer algumas constatações. Essa mesma pessoa que nos falou que viu os dois homens subindo e descendo, depois subiram quatro homens, nos disse que nesse lugar eles passam de moto e dão tiro. Então, há muita marca de tiro ali, naquela região, uma região muito frequentada, muito comercial. Há muito bar, é a opção de lazer da periferia.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - No fim de Semana?

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - No fim de semana, aqui na esquina de cima. Então, nós fizemos o convite à CPI para, quando viesse aqui, dar uma passada lá, para ver as marcas de bala no local. E, segundo os moradores aqui, isso acontece toda hora. Por acaso, essa chacina, em que morreram dez... Houve uma visibilidade maior porque morreram dez, mas constantemente há vítimas desse tipo de bala. O pessoal passa, atira e vai embora. As portas, as paredes dos comércios são muito furadas de bala, por conta desses acontecimentos, que são rotineiros.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - Esse é um acontecimento, também, Deputado Orlando, que traz a tentativa da lógica de segurança de



demonizar as ruas. E as ruas são onde a vida pulsa, não é? Então, nós não podemos achar que vamos resolver o problema de segurança colocando terror na...

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Todo mundo se trancando dentro de casa.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - É, tirando as pessoas das ruas. Então, é bom ir lá, para ter um pouco desse diagnóstico também.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Fale, Alemão.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Deputado Orlando, o filho dela, o Elismar, estava indo trabalhar às 5 horas da manhã, subindo, e passa um carro dando tiro. Pegou no pescoço dele e (*ininteligível*) do rapaz. Ele veio aqui em casa. Rodou tudo aqui. Ninguém o socorreu. Ele veio aqui em casa. Entrei no hospital com a (*ininteligível*) lá...

**(Não identificado)** - Até hoje está com a bala no corpo.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Entendeu?

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Que idade ele tem?

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Que idade ele tem?

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Trinta e três anos.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Estava indo trabalhar?

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Às 5 e meia da manhã.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - E conseguiram saber quem disparou?

**(Não identificado)** - Foi o carro.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Eles só focam no mesmo segmento, toda vez. Eles sempre falam que são as mesmas... porque o pessoal conhece, não é? Uns conhecem. Eu não conheço. Eles passam diariamente, passam olhando, depois... Entendeu?

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** - Policiais? Viatura?

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Não, sem a viatura.

**A SRA. JACIRA MARIA DE JESUS** - Eles estavam atrás de alguém. Aí, ele ia passando...

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - E baleou ele...

**A SRA. JACIRA MARIA DE JESUS** - Baleou ele...



**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - ...e outro rapaz.

**A SRA. JACIRA MARIA DE JESUS** - ...e outro rapaz.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Eu levei ele...

**A SRA. JACIRA MARIA DE JESUS** - No rapaz, acertou na perna; e nele, no pescoço.

**(Não identificado)** - Parece que o Sérgio quer...

**O SR. SÉRGIO SENA** - Eu queria fazer uma pergunta. Meu nome é Sérgio Sena, eu sou consultor da Casa, sou servidor da Câmara dos Deputados. Eu queria fazer uma pergunta: já que é frequente esse tipo de coisa, o que o pessoal fala? O que as pessoas que estão sofrendo isso levantam como a razão pela qual esse tipo de ataque acontece com frequência nesses lugares? Alguém sabe o que as pessoas falam?

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Eu acompanho diariamente esse pessoal. Se acontece qualquer coisa dessas aí, eles vêm falar comigo, para se abrir. Irmão, o que eles passam, relatam para mim é que são os PMs. Os PMs passam aqui de dia e de noite vêm para matar, porque filho de pobre não tem (*ininteligível*), filho de pobre é ladrão.

**A SR. LUCIVÂNIA DA SILVA** - Quem mora aqui é ladrão.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - É ladrão. Quem mora dentro da comunidade é ladrão. Mas há muito trabalhador. É traficante, é isso. Então, o pessoal não tem coragem de falar. Só que eles dizem: "*Ô Alemão, vê o que você pode fazer aí, que você tem uma influência política, tem não sei o quê*". Eu falo: "*Meu, enquanto o pessoal de cima...*". Vem de cima para baixo. A gente não tem como chegar lá em cima sozinho. Não tem, entendeu? Se vier de cima para baixo, como vocês estão vindo aqui, disponibilizando o tempo de vocês... Você vê uma situação que aconteceu a nível de Brasil. Aí você vê que sensibilizou lá em cima. Sensibilizou e veio aqui. Nós abrimos as portas. Só que há muita gente dentro de casa...

**A SRA. LUCIVÂNIA DA SILVA** - Com medo.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - ...com medo. Não deixa o filho sair para a rua, entendeu? Não deixa ir ao campinho jogar bola. Então, a



comunidade está oprimida. Isso é o que eu sinto, é o que eles passam para mim, entendeu? E há vários...

**A SRA. LUCIVÂNIA DA SILVA** - Peço desculpa. Eu, como moradora da comunidade... E, na verdade, infelizmente... São trabalhadores? São trabalhadores. Todos os PMs são trabalhadores. Só que eles descem e ficam falando que aqui na Aderbal tudo é bandido, ninguém presta. Uma vez eu fui roubada, fui fazer um boletim de ocorrência, na 92, e fui muito maltratada. Eles falam: *"Ah, você mora na Aderbal?"* É tipo: *"Você não presta."* Eu sou trabalhadora, sou mãe de família. E é muito triste, por causa de um ou dois, todos levarem... Aqui todos são trabalhadores.

Como diz a minha filha: *"A gente mata um leão por dia para sobreviver."* E não é justo os policiais passarem e nos desrespeitar, porque é desrespeito, muito desrespeito. Se a polícia está perto, eles pegam os meninos, batem nos meninos. Todo mundo é traficante, todo mundo. E eles forjam também. Às vezes, a gente passa e fala: *"Não bate neles, não."* E eles falam que a gente está acoitando, que a gente passa a mão em bandido. Teve uma falta de respeito muito grande com uma senhora vizinha minha, que falou para um policial não bater no menino. E ele falou assim: *"Você está olhando o quê?"* Daí ela respondeu: *"Eu estou olhando, porque eu sou mãe de família."* Daí ele disse: *"Olha aqui a minha arma!"* Com muito falta de respeito. A gente não tem respeito. É vergonhoso! É vergonhoso!

Eu tenho vergonha de falar que moro na Aderbal quando eu vou a outro lugar, no final de semana, porque todo mundo que mora na Aderbal é taxado como bandido, não presta. A gente mora aqui por falta de opção. A gente não tem opção de morar em outro lugar melhor. Infelizmente, é a nossa realidade. Já que a gente mora aqui, a gente tem que lutar para que aqui seja um lugar melhor para a gente viver. Mas fica impossível, fica impossível a gente viver oprimido, com medo de sair de casa. A gente fica com medo de sair para trabalhar, fica com medo de chegar de madrugada. É violência para todo lado. E, quando a gente não sente segurança na própria PM, aí fica complicado. Desculpa.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - A Dona Geralda quer dar um depoimento que eu acho que é importante.

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Então, o meu filho acordou, foi para a casa da minha mãe, tomou um banho. Ainda estava de cabelo molhado, estava



subindo na direção da minha loja — eu tenho uma loja ali na Primo Moratti —, na hora que ele estava subindo para a loja, deu de cara com os policiais. Os policiais o cataram, bateram nele e o algemaram. Colocaram droga no bolso, dividiram a droga de uma outra pessoa e colocaram no bolso dele. E o colocaram deitado no chão, bateram nele, e só não o mataram porque as vizinhas saíram e falaram que não iam entrar. Se eles tivessem entrado, eles o tinham matado.

Eles colocaram todos deitados no chão e fizeram os moradores pisarem em cima, falando que eles eram lixo, que eles eram traficantes, que tinham pisar em cima porque eles eram lixo. E pisando nos meninos todos machucados. E meu filho falou assim — eu ainda fui lá na 92: “Mãe, eu não estava fazendo nada.” Eu falei: “Eu sei. Todo mundo falou que você estava subindo para a loja.” Aí quase o mataram de tanto bater, a policial feminina e os homens. Eu não vi nenhum, mas depois me contaram tudo. Aí não deu mais tempo de eu conseguir tirar meu filho, porque ele já estava algemado. Eu fui à 92. A polícia colocou uma bolsinha com um pouco de droga no bolso dele, forjou, e ele está preso. A maioria dos policiais fazem isso, eles forjam, porque eles falam que menor para eles não interessa, só o maior. Então, mesmo que não devem, eles fazem dever. Agora, a gente vai pagar advogado, não tem dinheiro, e é assim que acontece.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Que idade ele tem?

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Dezenove.

**A SRA. LUCIVÂNIA DA SILVA** - E é um menino super do bem, porque eu o conheço. É um menino que não faz mal para ninguém..

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Ele trabalha comigo. Ele me ajuda.

**A SRA. LUCIVÂNIA DA SILVA** - ...ajuda a mãe dele. E, por estar passando no lugar errado, na hora errada, levou uma culpa que não tem. Infelizmente, essa é a nossa realidade. Infelizmente!

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Hoje, eu já fui lá levar algumas coisas para ele. No domingo, eu vou visitá-lo.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - O *(ininteligível)* do processo e depois pegar o nome completo, né?



É o seguinte: eu acho, primeiro, que essa questão de acusar a pessoa de ser traficante ou outro qualquer (*ininteligível*)... No Brasil, não tem pena de morte. Mesmo se tivesse pena de morte, não é...

**(Não identificado)** - É execução, né?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - ...execução extraoficial. Não é isso. Esse é o grande problema da violência, porque sempre a vítima é a culpada. A resposta sempre é que ela está envolvida com alguma coisa para justificar por que matou. O Estado não pode matar e prender inocentemente. E também não dá mais para prender usuário de droga no Brasil. Nem estou entrando no mérito dessa questão. Sempre há muita denúncia também de que forjam para as pessoas serem usuárias de drogas, tentando transformá-las de usuárias a traficantes. Então, é evidente que precisamos acompanhar.

População carcerária no Brasil: 85% cometeram crime contra o patrimônio; e 30 e poucos por cento são usuários de droga, que tentam transformar em traficante. E todos são presos em flagrante. Geralmente, 65% são presos provisórios, porque não têm advogados, como foi relatado aqui. É porque são pobres, porque são negros, porque se estivessem em qualquer outra condição não estariam presos. Então, essa é uma questão da CPI também, que vai ter que sinalizar e apontar nessa direção.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Alguém mais?

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Quando bateram no meu filho, o neto dela também estava. Quando eles bateram, machucaram o neto dela todinho também, batendo.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Está preso também?

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Não. É menor, e eles liberaram todos. Só o meu era maior. Só o meu que seguraram. Eles falaram que o que interessa para eles é o maior.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Para vocês verem, eu falei num debate sobre redução de maioria penal. Olha o que está acontecendo. É estatística comprovada, viu, Sérgio? Quando matam os meninos? Quando eles têm 19 anos, a hora em que acaba a proteção do ECA. O pico das mortes, das quase 40 mil mortes de jovens, é aos 19 anos. E, a partir dos 12 anos, eles fazem



encarceramento. Antes dos 12, a morte de negro e branco é igual. É 1 para 1,3, quase igual. Como a população negra é maior, é próximo. Depois, começa a matar ou a encarcerar negro e pobre. E, quando acaba a proteção do ECA, matam e prendem. Para ele não é mais uma prisão. Aqueles que saem da medida socioeducativa, para sobreviver nela, têm que fazer alguma aliança. E, ao acabar a medida, quando vão para a rua, se ele não voltar ao crime e não pertencer a um grupo, eles matam ou fazem o encarceramento na vida adulta. Essa é a realidade. Então, isso é grave. Quer dizer, as medidas socioeducativas...

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Então é importante reduzir a maioria penal para proteger os menores.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Para morrer antes?

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Não. Para não morrerem mais.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Você não entendeu o fato. O (*ininteligível*) Brasil não deixar quem completou a maioria, aos 19 anos, ser assassinado, fazer uma política para deixá-los vivos, não fazemos isso, a saída foi antecipar sua morte para os 16 anos. Isso vai implicar ampliar a idade infracional, que hoje é 12 anos. Nessa direção, na hora em que começarem os meninos de 12, eles vão passar para 8 anos. Não tenha dúvida. Já fizeram isso em vários países. Uma coisa é idade infracional, outra coisa é idade penal. O Brasil já tem uma idade infracional muito pequena, de 12 anos de idade, lamentavelmente. O depoimento de vocês é muito rico para que a gente possa propor alguma coisa mais sistêmica na saída dos problemas que nós estamos enfrentando.

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Pegar a cópia do BO para analisar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Agora, eles estão (*ininteligível*) sensibilidade de entrar nesse processo, por exemplo, do filho da senhora.

**O SR. DEPUTADO DELEGADO EDSON MOREIRA** - Analisar o processo.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Funciona assim, Orlando: se o pessoal que está trabalhando no tráfico, ou assaltantes, estiver errado, tem que pagar o ato dele. Isso é responsabilidade. Ele sabe que o ato que ele está fazendo é



uma coisa errada. Se ele for preso, ele se responsabiliza. Agora, o ruim é você sentir na pele pessoas inocentes sendo presas. Chegando lá na cadeia, o pessoal fica pensando: o que eu estou fazendo aqui?

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - E todo arrebetado ainda. Eles batem de um jeito para não ficar mostrando. O menino, todo machucado por dentro, de tanto eles pisarem em cima dele, dar chute nas costelas.

**A SRA. LUCIVÂNIA DA SILVA** - Se ele não é bandido, sai de lá bandido. Essa é a realidade. Vai aprender lá, com quem sabe, infelizmente.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - O nome disso é criminalização da pobreza.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Para a gente tentar caminhar e chegar à rua, eu talvez conduziria para o encerramento, até porque D. Geralda fez uma gentileza: ela veio aqui mais cedo. Nós nos atrasamos. Ela foi abrir a loja dela, depois voltou para cá. Então, agradeço essa gentileza dela para prestar este depoimento. Quero agradecer a Jana também e todos que participaram aqui, particularmente o Alemão, pela porta que abriu. Obrigado, Cláudio, por ter articulado para que nós pudéssemos vir aqui. O depoimento de vocês vai ser assimilado. Está aqui a nossa Relatora, que é quem vai relatar todos os casos que ela conheceu, relatar todas as realidades que ela conheceu e vai indicar coisas concretas que podem acontecer.

Eu estava mais cedo andando aqui. Cheguei um pouco mais cedo que vocês. E aqui, no outro lado da avenida, tem um PROMORAR, que é um conjunto habitacional. Eu era Ministro do Esporte, e a gente tinha um programa chamado Segundo Tempo. Para você ver como é, era bacana e parou de funcionar. O que a gente precisa muitas vezes é ter programas e atividades que dizem a ocupação (*ininteligível*). Isso é muito importante. Eu fiquei triste de saber que parou de funcionar. Muito ruim.

Mas queria agradecer a todos os nossos Deputados. Relatora, algo mais?

**A SRA. DEPUTADA ROSANGELA GOMES** - Não. Estou satisfeita. Quero agradecer também a todos que vieram aqui, agradecer ao Alemão, agradecer à senhora, pelo seu relato. Saibam que vocês não estão sozinhos, que vocês terão voz no Parlamento.



**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - E o sentido também de vir até aqui é dar visibilidade para que as pessoas saibam que não é de qualquer jeito. Vai ter consequências.

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Tem que ter.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - E consequência para o caso concreto e, o que é mais importante, consequência geral, para mudar essa lógica que acontece no Brasil inteiro, não só em São Paulo.

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - E se alguém está errando, também, a gente não tem que espancar, não. Eles têm que levar só.

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - A polícia passou. Perguntem para o motorista que estava... Estavam até com um brasão. Não sei se era Legislativa ou se era da Câmara Federal. A polícia parou do lado do carro, até ele ir lá se apresentar. Ele estava no carro, e tinha umas autoridades para vir aqui. Ele viu, e foram embora. É complicado. Se você encostou com um carro aqui mais ou menos...

**A SRA. MÍRIAM MOTA DA ROCHA** - Tem que mudar, porque está demais. As pessoas estão todas com medo. Eu não queria falar, mas tem muitas coisas acontecendo. Como o meu menino, que estava junto, no dia, com o dela, que tem só 15 anos, como ele já tem passagem na Fundação Casa, quando param, eles ficam batendo no menino. Naquele dia mesmo, ele chegou com o pé todo machucado. Só que eu não vou seguir em frente, porque eu estou entregando na mão de Deus. Só que eu não estou aguentando mais, entendeu? No dia em que eles abordaram o menino no PROMORAR, mandaram me chamar. Só porque eu falei assim para o policial: *“Eu sou a avó do menino.”* Ele falou assim: *“Você quer ir presa junto com ele?”* Eu falei: *“É para ir para a delegacia? Então vamos agora, porque eu vou conversar com o delegado.”* Eu sei que eu fui grossa com ele, porque eu estava nervosa. Eu falei: *“Então vamos para a delegacia, porque eu vou conversar é com o delegado.”* Aí ele pegou e tirou o menino de perto de mim, chegou para o canto e falou assim: *“Eu vou pôr fogo na sua avó viva e depois eu vou levar você para o cemitério e matar.”* Isso não é coisa que ele faça.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Isso é um trabalho.



**A SRA. MÍRIAM MOTA DA ROCHA** - É muita coisa. Eu já não estou aguentando mais, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Para o bem das corporações policiais — é evidente que há exceção; não é uma regra —, essa questão da violência, da abordagem errada, da abordagem seletiva, às vezes pela cor da pele, pela questão social, e não uma abordagem cidadã, para o bem deles, eles têm que refazer isso, porque senão perderão cada vez mais credibilidade. Então, é evidente que nós queremos sinalizar. E também essa lógica de confronto da polícia deveria chegar a uma comunidade periférica e compreender a questão social em torno — as questões daquele menino, todas as situações —, olhar como se fosse ele no lugar, para que ele possa ter então muito mais sensibilidade na abordagem. Então, é evidente que isso também terá que ser tema do nosso encaminhamento, Orlando, para que a gente possa avançar cada vez mais. Isso é bem do País, porque é o Estado brasileiro que está agredindo. O Estado agrediu os negros, e não fizeram nenhuma reparação de danos aos negros, de políticas públicas. Deve ainda fazer. Tem que fazer. Começaram algumas coisas, concordo, na universidade, cota no serviço público, mas também agridem os pobres. Então, é uma tarefa enorme. Espero que a gente possa começar a dar visibilidade a esse tema. Eu sei que é difícil falar. Vão continuar aqui, e nós vamos voltar a Brasília. Mas vocês estão contribuindo também para o trabalho que possa melhorar a nossa vida e a dos próximos.

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Para a gente sair e voltar, sempre tem medo, porque, se a gente está correndo perigo, a gente fala: “*Vou chamar a polícia.*” Ela está no crime. A gente vai chamar quem? A gente não pode confiar em ninguém. Se eu estou precisando de uma ajuda, eu vou chamar tal pessoa para me ajudar. Eu vou chamar quem para me ajudar? Não tem quem chamar. As pessoas, a maioria confia nas polícias. As polícias estão piores. Em vez de ajudar, as polícias estão destruindo. Se tem alguma pessoa errada, em vez de a polícia pegar e levar e cada um pagar pelos seus atos, não: ou eles matam no meio do caminho, ou eles espancam. Eles pensam que não tem família, que é indigente. Mas tem família. Todo mundo tem família.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - A mesma abordagem que a polícia faz para os brancos, para as elites, nos bairros ricos, tem que fazer nos bairros mais periféricos, mais comunitários. Quem mora aqui, na maioria, é trabalhador.

**A SRA. GERALDA MIRANDA DE LIMA** - Todos são trabalhadores. Não tem rico.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - E não pode ter prejulgamento também, não. O Estado não pode prejudicar.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Leci quer falar alguma coisa?

**A SRA. LECI BRANDÃO** - Só quero dizer que a gente queria falar para a senhora, para ela e para as senhoras também que a gente entende perfeitamente o terror que as senhoras têm quando vão falar, quando vão dar um depoimento. A gente sabe exatamente como é essa história, que eles passam de tarde ou à noite, porque viram que tem algum movimento diferente.

Mas eu queria só reafirmar, como Deputada Estadual, porque a gente convive com o povo aqui, principalmente com as periferias, é que vocês depositem confiança e tenham esperança, porque essa Comissão que está aqui é uma Comissão que está muito decidida não só a reparar essa questão, mas também a construir projetos de lei para o País para que a gente definitivamente acabe com essas coisas.

É como ela falou, ela me conhece, todo mundo me conhece por causa de música e tal, mas só a música não adianta. A música diverte todo mundo e todo mundo fica alegre. Aí acaba o show, e a gente sabe que em muitos shows, depois que a gente termina, de repente acontece de uma polícia chegar lá e “meter o pau”. Não vai enquanto a gente estiver lá, embora a gente possa fazer muito pouco. Mas, na condição de Parlamentar, a gente tem mais condições, porque é questão da lei, da Constituição.

Inclusive o Deputado aqui hoje me deu um desafio. Eu até queria que o senhor falasse para as pessoas, porque a gente já fica sabendo o que pode fazer.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - O Deputado Orlando Silva falou das etapas da CPI. Ele coordenou nossa vinda aqui a São Paulo. Quando passamos por um Estado, por uma região, não queremos ficar só nesse evento,



vamos dizer assim. Nós temos que fazer um movimento contra o homicídio, contra as violações de direito, por uma polícia cidadã, por uma segurança pública igual para todos, justa. Para isso, nós estamos convencidos de que se precisa dar mais visibilidade ao debate.

Por que a mídia não trata desse tema? Morrem 60 mil pessoas por ano e não tem problema nenhum? Mata mais que todas as guerras! É porque não está matando filho de Deputado, filho de cantor, filho de Vereador, filho de Prefeito. E não está matando os brancos — os brancos ricos, porque os brancos pobres... Nós não queremos que matem ninguém. Matar branco pobre e matar negro já se tornou natural. Então, a mídia fez um silêncio. A mídia quando vai mostrar negro é bandido na novela. A publicidade não mostra os pobres, não mostra as comunidades periféricas como uma coisa boa, mostra a pessoa malandra.

Então, nós temos que dar visibilidade. Para isso, nós queremos construir, em cada Estado, na Assembleia Legislativa, onde é a Casa do Povo, uma Comissão para fazer o que nós estamos fazendo em Brasília. Então, ela vai ficar aqui, no Estado de São Paulo, o Gustavo podia fazer em Campinas, porque nós queremos constitucionalizar uma obrigação de, a cada 10 anos, a sociedade definir como é que vai ser a lógica de política pública de segurança. Quem definiu essa política de segurança? Vem cá, pega uma rua, cheia de gente no final da rua, a rua é pública, onde a vida acontece, e sai atirando. Quem definiu isso? Alguém definiu, alguém acha que essa é a política de segurança pública, alguém acha que essa é a ordem pública.

**A SRA. LUCIVÂNIA DA SILVA** - Fazer a limpeza, né?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Nem a Constituição teve a coragem de definir o que é ordem pública.

Um dia eu perguntei ao Ministério Público, ao Gonzaga, que estava representando o Janot: *“Eu estou pensando em definir a ordem pública na Constituição.”* Ele disse: *“Ah, não mexe com isso não, porque isso é um terreno pantanoso”*. Não foi essa a resposta? Eu sei te dizer o que é desordem pública. Ah é, tudo bem, foi assim que o nazifascista definiu o que era ordem pública, para matar os pobres, para matar os judeus, para fazer campo de concentração.



Eu sei que é um tema polêmico, mas a ordem pública, a concepção de segurança pública, quem tem que definir é o cidadão. É como a política de saúde, quem define não é o conselho? É como uma política de educação, nós temos que fazer.

Por isso, eu falei com o Deputado Orlando Silva e ele deu autorização de se fazer um convite para que a Assembleia Legislativa de São Paulo crie amanhã uma Comissão Especial, e que a senhora possa coordená-la para nós, para a gente sair por esse Estado, continuar debatendo e formatar um projeto para o Estado de São Paulo. Aqui estão matando 22 para cada 100 mil adultos, e 40 e poucos jovens. Mas aqui aumentou muito o desaparecimento. Parou de aparecer cadáver, mas o desaparecimento aumentou. Também tem que se entender porque estão desaparecendo. Estão desaparecendo por quê? Há a suspeita que haja cemitério clandestino, desova....

**O SR. JOSÉ LUCIVAL DA SILVA** (Alemão) - Tem suspeita e foi comprovado, né? Tem suspeita e foi comprovado Um dos batalhões mais violentos do Estado de São Paulo.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Aqui em São Paulo, Reginaldo, teve outro dia uma chacina em Parelheiros. Morreram seis pessoas, inclusive um pai e um filho juntos que estavam saindo para jantar.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Não tem nem um mês isso.

**O SR. CLÁUDIO SILVA** - Não tem um mês. O que que aconteceu? Para você ver o grau de sofisticação da ação criminal: no mesmo dia, mataram um policial militar às seis da manhã. A resposta veio à noite, por volta de dez da noite. Mataram seis pessoas em três pontos diferentes, num raio de 2 quilômetros. As seis vítimas tinham projéteis diferentes de armas de fogo, para você ver o grau de sofisticação. Foi tudo coincidência, o policial que morreu de manhã foi coincidência, as outras duas pessoas que morreram num ponto foi coincidência, as outras duas que morreram num raio de 15 minutos depois foi coincidência, depois, mais 20 minutos depois, coincidência também. É isso que eles tentam desenhar.

Essa história de sumirem as pessoas, de desaparecerem, é mais uma violência, porque você some com a pessoa, você tira a pessoa da vida da família e



não deixa a família sequer ter direito ao luto, de enterrar o teu ente querido, o teu familiar. Então, com o tempo isso vai se naturalizando tanto que parece que sofisticar essa morte é também favorável, entendeu?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - Vamos encerrar, mas tem três coisas importantes para dizer aqui, que são entraves nesse processo todo.

Primeiro, quando é menor a letalidade policial, menor é a taxa de homicídio. Também seria injusto dizer que todo problema nosso de mortes é por causa dos policiais, porque ele vira algoz e vítima. Inclusive ele é vítima até do próprio sistema porque ele recebe o comando, que às vezes não é ele que dá, são as elites brancas.

Então, está comprovado: pequena letalidade mata pouquíssimas pessoas, caso de Santa Catarina; maior letalidade, mata muito, caso de Pernambuco; e no mundo inteiro é assim.

Outra coisa é a impunidade, taxas de... que resolve o problema dar resposta à família, quem matou, quem não matou, prende, também mata muito pouco, caso do Reino Unido, Canadá, um a cada cem mil. Brasil, não resolve nada, ninguém é preso, agora quer prender os menores, porque os adultos só 3% vão presos, podem matar, aí aumenta a violência, não é isso?

E terceiro, uma cultura de violência. Há uma banalização também. O Brasil virou uma sociedade violenta. Tudo se resolve matando o outro, numa briga de casal, numa briga de vizinho...

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - De trânsito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Reginaldo Lopes) - ...no trânsito, em qualquer lugar. Você não pode falar um pouco mais alto, já é morte.

E o quarto é a morte simbólica, que o Claudinho colocou, porque já não dá políticas sociais, o outro não entende o outro como ser de direitos, de direitos humanos como o outro, o Estado negou a ele direitos e ele teve uma morte simbólica. Tem umas pessoas que são mortas simbolicamente, o que se soma à morte física. E quem são mortos simbolicamente? São os negros, os mais pobres, que são empurrados para políticas sem educação, sem moradia, sem trabalho, em condições piores de localidade territorial.

Então, são esses quatro desafios. Por isso que reduzir a morte do Estado é uma obrigação, o Estado é para garantir, não pode ter zero e é responsável por



20%, um índice muito alto. E os outros 80% nós vamos ter que criar todo um conjunto de retomar uma cultura de paz e parar com essa balela de que o Brasil é um país fraterno, hospitaleiro. Não é não. Já pensou se não fosse? Mata mais que todas as guerras! Então tem que deixar, tem que dar à luz, tem que tirar essa discussão da história para nós criarmos uma nova cultura de respeitar um ao outro.

Então, acho que é isso, e também, é evidente, resolver essa questão da letalidade policial.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Orlando Silva) - Obrigado. Boa tarde para todos.